



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Pedagogia
Vitória da Conquista

ALFABETIZAÇÃO TRANSFORMADORA: desafios e práticas na busca por inclusão e emancipação

ANA KELE SILVA DE JESUS SANTOS¹

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

CLAUDIONOR ALVES DA SILVA²

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA / UESB

Resumo

O estudo investiga os desafios da alfabetização no Brasil, onde muitos alunos não dominam leitura e escrita ao final do 5º ano do ensino fundamental. Baseado em autores como Paulo Freire (1921-1997), o trabalho defende uma alfabetização que integre letramento e considere aspectos sociais, culturais e afetivos, valorizando a leitura literária e a diversidade cultural, especialmente a afro-brasileira. A pesquisa, de cunho qualitativa, foi realizada por meio de uma entrevista com um professor da Educação Infantil. Os resultados apontam a necessidade de respeitar o tempo da criança, usar práticas lúdicas e contextualizadas e superar métodos tradicionais. As dificuldades incluem a diversidade de níveis de aprendizagem, falta de recursos didático-pedagógicos e formação continuada. Esses fatores revelam a importância de políticas públicas que assegurem melhores condições de trabalho aos professores e promovam uma alfabetização inclusiva, emancipadora e socialmente transformadora.

Palavras-chave: Alfabetização. Análise documental, BNCC

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um dos pilares fundamentais da educação, sendo o processo responsável por inserir o indivíduo no universo da leitura e da escrita, habilidades essenciais para a participação ativa na sociedade. No entanto, apesar de sua importância, o Brasil ainda enfrenta sérios desafios nessa área. Dados de avaliações nacionais e internacionais, como a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA, 1997) revelam que um número preocupante de crianças conclui os primeiros anos do ensino fundamental sem desenvolver plenamente as habilidades de leitura, escrita e compreensão de texto.

Esses resultados escancararam a fragilidade do sistema educacional no que diz respeito à garantia de uma alfabetização de qualidade para todos

1. Discente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
2. Discente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Pedagogia
Vitória da Conquista

Grande parte desse problema está ligada às práticas pedagógicas que, ao longo do tempo, se consolidaram nas salas de aula brasileiras. Métodos tradicionalistas, centrados na repetição mecânica de letras, sílabas e palavras, ainda são bastante comuns, mesmo diante de estudos que apontam a ineficácia dessas abordagens quando utilizadas de forma isolada e descontextualizada. Muitas vezes, o processo de alfabetização ignora os conhecimentos prévios dos alunos, desconsidera o contexto sociocultural em que estão inseridos e não estimula a leitura e a escrita como práticas sociais significativas. Isso contribui para que o aprendizado se torne algo pouco atrativo e distante da realidade dos estudantes, o que pode gerar desmotivação e até abandono escolar nos anos seguintes

Outro ponto que precisa ser destacado é o papel das políticas públicas voltadas para a alfabetização. Ao longo das últimas décadas, o Brasil implementou diversas iniciativas com o objetivo de melhorar os índices de alfabetização, como o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), por exemplo. No entanto, essas políticas muitas vezes esbarram na descontinuidade, na falta de investimento adequado, na ausência de formação continuada para os professores e na dificuldade de articulação entre as esferas federal, estadual e municipal. Além disso, a pressão por resultados rápidos costuma ignorar as reais condições das escolas públicas, especialmente nas regiões mais vulneráveis, onde faltam recursos básicos, infraestrutura e apoio pedagógico

Portanto, refletir sobre os baixos índices de alfabetização no Brasil exige olhar para além dos números. É preciso compreender os fatores históricos, sociais e políticos que influenciam esse processo, bem como as práticas pedagógicas que ainda predominam nas salas de aula. Este trabalho tem como objetivo analisar de forma crítica os principais desafios enfrentados na alfabetização, discutindo as limitações das abordagens tradicionais, as lacunas nas políticas públicas e apontando caminhos possíveis para uma prática mais significativa, inclusiva e transformadora no ensino da leitura e da escrita.

MARCO TEÓRICO

Falar sobre escola sempre mexe com a gente, né? Afinal, é um lugar onde a gente passa boa parte da vida. Lá, a gente aprende, faz amigos, enfrenta dificuldades e, de certa forma, vai se



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

tornando quem é. O texto “Uma escola assim eu quero para mim” (2008) faz a gente pensar sobre isso: como seria a escola ideal do ponto de vista de quem realmente está lá todos os dias — nós, os alunos?. Muitas vezes, parece que a escola esquece de ouvir quem mais convive com ela.

A ideia de que escola é só um lugar de regras, provas e silêncio já não combina mais com o que os jovens precisam hoje. Cada aluno tem sua história, seus sentimentos, seus problemas e seus sonhos. E isso precisa ser levado em conta. O principal ponto do texto é mostrar que a escola ideal é aquela onde a gente se sente bem de verdade — um lugar feliz, onde somos respeitados e temos vontade de aprender. Um espaço onde dá para rir, brincar, perguntar sem medo, dar opinião e aprender de forma mais leve e com sentido. E, pensando bem, isso não é só um desejo nosso, mas algo que precisa acontecer se quisermos uma educação melhor de verdade.

Freire (1996), defendia uma escola mais humana, mais próxima da vida real dos alunos. Ele dizia que ensinar não é simplesmente passar o conteúdo, mas ajudar o aluno a construir o próprio conhecimento. Outra coisa importante que o texto traz é que, quando o aluno se sente acolhido, ele aprende melhor. Uma escola que ouve os estudantes, que se preocupa com eles, que valoriza a convivência, com certeza vai ensinar muito mais. Quando existe carinho, respeito e empatia, tudo flui melhor. O espaço físico da escola também conta bastante. Muitos alunos gostariam de uma escola mais colorida, limpa, com lugares legais para descansar, conversar ou ler. Isso mostra como o ambiente também faz diferença. Não precisa ser uma escola de luxo, mas um lugar que mostre cuidado, que seja agradável de estar. As relações que a gente vive dentro da escola são fundamentais. Muitos alunos sonham com professores mais pacientes, que saibam ouvir e respeitem o tempo de cada um. Isso mostra como o papel do professor vai muito além de só passar conteúdos, ele também apoia, orienta e inspira. E não são só os professores que fazem a diferença: os colegas também são parte dessa convivência, e quando o ambiente é respeitoso e acolhedor, tudo fica mais leve.

O texto “Uma escola assim eu quero pra mim” mostra que essa escola dos sonhos pode se tornar real. Ela não depende só de dinheiro, mas de atitudes simples, como escutar mais os alunos, se importar de verdade e buscar melhorar juntos. Por isso, o texto é, ao mesmo tempo, um aviso do que precisa mudar e um convite para repensarmos a escola como um espaço mais justo, mais acolhedor e feito com a participação de todos. Um lugar onde aprender seja algo



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

prazeroso, onde cada um tenha voz e se sinta parte. Essa mesma ideia de escola mais humana e próxima da realidade aparece no livro *Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais*, de Cecília Goulart e Marta Souza (2015). A proposta do livro é bem interessante porque, em vez de trazer uma fórmula certa de como alfabetizar, as autoras mostram que tudo começa na escuta, na troca e no olhar atento para a prática das professoras. Desde o título, que fala em “roda”, a gente já entende que o foco está no diálogo, no respeito e na construção coletiva de saberes.

Durante a leitura, as autoras enfatizam que alfabetizar não é só ensinar a juntar letras ou formar palavras. É muito mais do que isso. As autoras explicam que alfabetizar também envolve o lado político, histórico e afetivo. Político porque a gente escolhe o que ensinar e como ensinar. Histórico porque a sala de aula existe num tempo e lugar específicos, com realidades diferentes. E é afetivo porque estamos lidando com crianças pequenas, que estão começando a aprender e precisam de apoio, carinho e incentivo. Por isso, ensinar a ler e escrever não pode ser visto como algo automático. É preciso levar em conta o contexto em que cada criança vive, suas experiências e o papel da professora como alguém que guia e ajuda a construir esse caminho.

O livro traz a ideia de que não existe um único jeito certo de alfabetizar, cada turma tem seu ritmo, cada criança aprende de uma forma, e as professoras vão adaptando suas estratégias conforme as necessidades. A “roda” entre professoras mostra justamente isso, que o aprendizado também acontece quando elas compartilham ideias, analisam o que funcionou e o que pode melhorar. A formação da professora não vem só de cursos, mas do dia a dia, das conversas com colegas e da atenção aos alunos.

Ademais, o livro aborda e fala sobre a professora ser uma espécie de pesquisadora da própria prática, isso quer dizer que ela observa o que acontece em sala, testa propostas novas e reflete sobre o que deu certo ou não. Se algo não funciona, ela repensa e tenta de outro jeito. Se funciona, ela tenta entender o porquê e continua desenvolvendo. Esse olhar investigador é essencial, principalmente na alfabetização, que é um processo cheio de desafios e descobertas. É destacado que alfabetizar não é só ensinar a parte técnica da escrita, mas também ajudar os alunos a entenderem como a linguagem é usada no dia a dia. É ensinar a ler e escrever de forma



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

significativa, mostrando que isso serve para se comunicar, brincar, expressar ideias e sentimentos.

Esse tipo de abordagem deixa o aprendizado mais interessante e real para as crianças. Além disso, o livro valoriza muito o uso de textos que fazem parte da vida dos alunos, como bilhetes, músicas, histórias, cartazes e listas. Coisas que eles realmente vêem e usam. Isso ajuda a mostrar que a leitura e a escrita não são só tarefas escolares, mas algo que faz parte da vida de todos. E, o mais importante é que toda criança pode aprender, desde que tenha acesso a práticas de linguagem ricas, com sentido e acolhimento.

Além de tudo isso, o livro mostra o quanto é importante que os professores estejam em constante aprendizado. Quando estão sozinhas, é normal se sentirem inseguras ou até desmotivadas diante dos desafios da sala de aula. Mas quando têm com quem conversar, trocar ideias e compartilhar experiências, elas se fortalecem. E essa força acaba refletindo diretamente no jeito como as crianças aprendem. No final das contas, alfabetizar é um processo cheio de significados. Não é algo fácil, mas é muito bonito, porque envolve carinho, escuta e a vontade de aprender junto. A escola precisa ser esse espaço de trocas, onde tanto os alunos quanto os professores crescem lado a lado.

Em complemento, o livro *O muro no meio do livro*, produzido pelo Instituto Avisa (2019) Lá, apresenta uma proposta incrível para trabalhar a leitura literária com as crianças da Educação Infantil. O livro de Jon Agee, se destaca como um material que nos faz enxergar como a leitura pode ser vivida de forma mais sensível, com escuta, intenção e envolvimento real das crianças. Ele mostra que ler com os pequenos não é só contar uma história é oferecer uma experiência cheia de emoções, imaginação e descobertas. A história é simples, mas muito profunda. Um cavaleiro acredita que está seguro porque vive atrás de um muro, e acha que do outro lado só existem monstros perigosos. Mas, ao longo do livro, ele percebe que as coisas não são bem assim. O que ele achava que era perigoso, na verdade, o salva. Essa virada mostra como a gente, muitas vezes, julga sem conhecer e sente medo do que é diferente. Por isso, o material propõe que esse livro seja lido com atenção, como um convite para conversar com as crianças sobre esses sentimentos, sobre o medo, o preconceito e a importância de ver o outro com mais empatia. Um ponto muito interessante é como o material vê a leitura literária como uma



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

experiência que ajuda a formar o ser humano. Quando uma criança escuta uma história bem contada, ela não está só prestando atenção no enredo, ela está pensando, sentindo e se colocando no lugar dos personagens. Isso ajuda no crescimento emocional, social e até na parte do raciocínio.

A leitura vira um espaço de encontro entre o texto, o professor e o grupo de crianças. E, nesse processo, o papel do adulto é essencial, ele não está ali para dizer o que é certo ou errado, mas para ouvir, valorizar o que as crianças pensam e ajudá-las a construir seus próprios significados. Outro aspecto importante é o quanto o material respeita a criança como leitora, mesmo quando ela ainda não sabe ler as palavras. As crianças conseguem “ler” imagens, prever o que vai acontecer e fazer ligações com outras histórias. Isso mostra que o gosto pela leitura começa bem antes da alfabetização e que momentos reais de leitura, com significado e participação ativa, são fundamentais para a formação do leitor.

Além disso, o trabalho com esse livro se conecta com os objetivos da BNCC, especialmente no que fala sobre empatia, respeito às diferenças, escuta e expressão de opiniões. A história ajuda as crianças a pensarem sobre os julgamentos que fazemos sem conhecer, e o quanto é importante enxergar além das aparências. Tudo isso é feito de forma leve, mas com um impacto muito forte no jeito de ver o outro. O material também mostra que ler com as crianças exige planejamento. Não basta só abrir o livro e ler. É preciso preparar o ambiente, criar um clima gostoso, conversar antes, durante e depois da leitura, e, principalmente, escutar o que as crianças têm a dizer. Cada leitura pode ser diferente, porque cada grupo de crianças é único. Quando o educador acolhe o que elas falam, faz perguntas que fazem pensar e valoriza suas ideias, o momento da leitura vira uma experiência muito mais rica.

O livro *O muro no meio do livro* mostra algo muito além de uma simples ferramenta pedagógica. Ele representa uma chance real de oferecer às crianças um momento marcante, que provoca sentimentos e reflexões. Ensinar também é isso, tocar o outro de forma verdadeira, criando experiências que ficam na memória e no coração. E foi pensando nisso que outro texto marca importantes reflexões: *Quanta África tem no dia de alguém?* Esse texto nos faz pensar sobre como a cultura africana está presente na nossa vida o tempo todo, mesmo que a gente não se dê conta do quanto essa influência aparece em detalhes do cotidiano, nas palavras que



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

usamos, nos pratos que comemos, nas músicas que escutamos. Coisas que parecem "nossas", mas que, na verdade, vêm de uma herança africana riquíssima, que foi sendo esquecida ou apagada com o tempo.

Este livro nos traz uma reflexão mais profunda sobre como a cultura afro-brasileira foi por muito tempo invisibilizada, especialmente na educação. A gente aprende pouco (ou quase nada) sobre as verdadeiras contribuições dos povos africanos na história do Brasil. É indispensável que, através deste material, não se recorde da Lei 10.639/03, que determina que as escolas devem ensinar sobre história e cultura afro-brasileira. Essa lei é importante porque reforça a necessidade de uma mudança no jeito como contamos nossa própria história – com mais justiça, mais verdade e mais respeito.

O texto nos traz a beleza no momento que mostra como essa cultura africana está dentro da gente, mesmo que a gente não perceba. Palavras como "cafuné", "moleque" ou "axé" têm origem africana. Ritmos como o samba, a capoeira e tantos outros vieram de lá também. E quando a gente reconhece isso, tudo muda. Deixa de ser só curiosidade e passa a ser valorização da nossa identidade, da nossa história real. Ademais, o texto mostra que a África não é um lugar distante ou "do passado", como muitas vezes é retratada. Ela está viva, presente, moderna, cheia de cultura e de saberes. As roupas, os penteados, a comida, a religiosidade, tudo isso faz parte do que somos hoje. E quanto mais a gente reconhece isso, mas combatemos o preconceito e os estereótipos que ainda existem. Reconhecer o valor de todas as culturas, com o referido material didático proposto, é essencial se quisermos formar alunos mais conscientes e respeitosos com a diversidade. O texto mostra que dar visibilidade à cultura africana é um gesto de justiça e de valorização da identidade de muitos alunos. Conectando os pontos, é notável que, através de uma leitura, percebe-se que, não só à cultura, mas também à forma como ensinamos e aprendemos.

Pensando nisso, outro tema muito presente no nosso cotidiano escolar é o texto de Magda Soares (2003), que abre os olhos para coisas que já vimos na prática, mas ainda não compreendemos em sua forma mais ampla. Ela consegue mostrar, de forma muito clara, a diferença entre alfabetizar e letrar, é mais do que isso, faz a gente pensar sobre o que realmente significa ensinar a ler e escrever de forma que faça sentido na vida das crianças.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

Alfabetizar é ensinar o código, ajudar a criança a entender como os sons da fala viram letras e palavras. Já o letramento é quando a criança começa a entender para que serve a leitura e a escrita no dia a dia. É quando ela usa a linguagem para se comunicar, se expressar, resolver problemas ou simplesmente viver melhor. Essa diferença é de vital importância para os educadores pois, a partir deste, é onde há a compreensão plena da leitura e da sociedade, assim como, sua importância. Eles até foram alfabetizados tecnicamente, mas ainda não foram letrados.

Isso nos fez pensar em como, às vezes, as atividades que são feitas em sala são muito focadas em treinar o “como se escreve” e pouco no “por que se escreve”. Soares(2003) deixa bem claro que isso é uma falha, porque sem compreensão, a leitura perde o sentido. Um ponto importante é quando ela fala que estamos cercados de textos o tempo todo, nas redes sociais, nos rótulos, nas placas da rua, nas mensagens no celular... E que ensinar a ler e escrever precisa levar isso em consideração. Ou seja, alfabetizar não é só ensinar a escrever palavras no caderno, mas ajudar a criança a enxergar a escrita no mundo real.

A autora também mostra que o letramento é muito mais que técnica, ele envolve a cultura, a história e o ambiente em que a criança vive. Isso nos fez pensar em como é injusto comparar alunos que cresceram cercados de livros e leitura com outros que nunca tiveram acesso a isso antes da escola. Por isso, o papel da escola é ainda mais importante, ela precisa garantir esse acesso e criar oportunidades para todos se desenvolverem, não importa de onde vieram.

Alfabetizar com letramento, como a Soares (2023) propõe, realmente exige mais do professor. Não é algo automático ou mecânico, é demanda e planejamento, olhar atento, criatividade e, principalmente, sensibilidade. Mas o resultado é muito mais valioso. A criança não só aprende a ler e escrever no papel, como também aprende a usar a linguagem de maneira prática, para se expressar, para entender o que acontece ao seu redor, para resolver problemas. E é isso que dá sentido de verdade ao que ela aprende.

Essa ideia se conecta muito com o e-book *Apropriação da escrita na alfabetização*, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale). Esse material mostra um olhar da alfabetização por um outro ângulo, entendendo que esse processo vai além de ensinar letras e sílabas, na verdade, é uma construção mais profunda, que começa a acontecer muito antes da



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

criança chegar à escola. O texto destaca logo no começo que a criança não começa do zero, ela já carrega consigo uma bagagem de vivências com a escrita, rótulos, propagandas, celulares, placas... Ela já viu o mundo escrito antes de ser formalmente alfabetizada. E é com base nessas experiências que ela vai criando hipóteses sobre como funciona a escrita. Percebe-se o quanto é essencial que o professor esteja disposto a escutar, a observar e a valorizar essas tentativas, mesmo quando a criança ainda está escrevendo do seu jeito, com erros ou invenções. Esses “erros” dizem muito sobre o que ela está pensando, e não podem ser ignorados.

A escrita serve para se comunicar, informar, registrar e até brincar. E é quando a criança entende essa função social da escrita que o processo de aprender se torna realmente significativo. Não é só uma obrigação da escola, mas algo que faz parte da vida dela. O texto traz a importância da "apropriação da escrita", porque é justamente quando a criança começa a usar a linguagem escrita de forma espontânea, mesmo que ainda esteja aprendendo, é quando percebemos o quanto ela já internalizou o processo. Um bilhetinho para o colega, uma lista de compras de brincadeira, um cartaz criado por ela... tudo isso mostra que ela está começando a ver sentido no que escreve. E quantas vezes a gente, na correria do dia a dia, acaba corrigindo esses momentos sem enxergar o quanto eles são preciosos? O e-book também traz uma reflexão super importante sobre o papel do professor nesse caminho.

O professor tem que ser um agente presente, sempre observando com atenção, propondo desafios que façam sentido e planejando atividades a partir do que o grupo precisa. Entender as fases pelas quais a escrita passa, como pré-silábica, silábica e alfabética, ajuda muito a perceber onde cada criança está e como ajudá-la a avançar. Um trecho marcante é quando o material aborda sobre a importância de trabalhar com textos reais. Às vezes, por hábito ou falta de tempo, acabamos caindo naquela rotina de palavras soltas, exercícios mecânicos e frases que não dizem nada para criança. Mas o texto mostra como é possível (e necessário) apresentar desde cedo os diferentes tipos de texto que circulam no nosso dia a dia: histórias, receitas, convites, cartazes, quadrinhos... Isso amplia o repertório dos alunos e mostra que a escrita está em todo lugar. Além disso, um ponto muito importante é respeitar o tempo de cada criança. Cada uma tem sua trajetória, seu ritmo, seus conhecimentos prévios.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

Forçar o processo, na maioria das vezes, só atrasa ou desanima. A pressão por resultados imediatos acaba empurrando métodos tradicionais que já não funcionam mais. No lugar disso, o texto nos convida a confiar nas crianças, a oferecer boas experiências e acreditar que, com apoio e tempo, elas vão se apropriar da escrita de maneira verdadeira. A leitura da revista *Alfalettar* é muito mais do que apenas um material teórico é uma verdadeira inspiração. O texto alfalettar mostra que ensinar a ler e escrever vai muito além de ensinar a criança a “juntar letrinhas”. A proposta do alfaletramento tem tudo a ver com a ideia de que a criança, desde pequena, precisa ser tratada como alguém que pensa, que interpreta o mundo e que tem direito de se ver inserida nas práticas reais de leitura e escrita.

Ao longo da leitura, fica claro que o alfaletramento propõe uma união entre alfabetização e letramento. Ou seja, a criança aprende o sistema da escrita, sim, mas também entende para que serve essa escrita, como ela funciona no dia a dia. E não só com palavras soltas e repetições. A revista mostra que, quando o professor para para ouvir de verdade o que a criança escreve, fala ou pergunta, ele consegue entender como ela está construindo o conhecimento. Isso é essencial para pensar em atividades que façam sentido para cada um. Corrigir rápido demais pode até parecer certo na hora, mas, na verdade, atrapalha. A criança precisa ser acolhida no seu processo de descoberta, e não podada.

O texto reforça como é importante trazer os gêneros textuais do cotidiano para sala de aula, trabalhar com diferentes tipos de texto ajuda muito as crianças a perceberem a função social da escrita. Quando elas veem que ler e escrever serve para coisas reais, como fazer uma lista de compras, mandar um convite, escrever um bilhete, tudo começa a fazer mais sentido. Isso é ainda mais necessário em comunidades onde o contato com livros e outros materiais escritos não é tão presente. E é justamente com esse olhar mais atento e aberto à escuta que o trabalho do professor ganha mais sentido. O texto mostra que, quando o educador realmente ouve o que a criança escreve, fala ou pergunta, ele passa a compreender como ela está pensando, como constrói o conhecimento. Essa escuta sensível é essencial para planejar atividades que façam sentido para cada aluno.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Pedagogia
Vitória da Conquista

METODOLOGIA

Para entender melhor como acontece o processo de alfabetização com crianças, foi realizada uma entrevista com um professor que atua nos anos iniciais do ensino fundamental, especificamente na pré-escola. A intenção foi escutar diretamente de quem vive o dia a dia da sala de aula quais são os desafios, estratégias e percepções sobre o ensino da leitura e da escrita nessa faixa etária. Além deste, seria realizada uma observação em sala de aula, mas houve resistência por parte da secretaria da escola.

A entrevista tem um caráter qualitativo com o foco na compreensão das práticas pedagógicas e foi do tipo semiestruturada, ou seja, contou com um roteiro de perguntas, mas também permitiu que o entrevistado tivesse liberdade para comentar e desenvolver suas respostas de forma mais espontânea. Esse formato foi escolhido justamente por possibilitar uma conversa mais natural e rica, capaz de trazer informações mais detalhadas e próximas da realidade escolar.

O professor entrevistado é formado em Pedagogia, especialização em letramento, educação inclusiva, tem mais de 15 anos de experiência com a Educação Infantil. A conversa aconteceu presencialmente, na casa do professor, em um ambiente tranquilo e reservado, com duração aproximada de uma e meia. Com a devida autorização, a entrevista foi gravada para que as falas pudessem ser transcritas e analisadas posteriormente. O roteiro incluiu perguntas sobre as práticas pedagógicas utilizadas com crianças de cinco anos, as dificuldades enfrentadas no processo de alfabetização, o suporte oferecido pela gestão escolar e pelas políticas públicas, além das percepções do professor sobre o desenvolvimento das crianças. Para organizar os dados, foi utilizada uma análise de conteúdo, identificando os principais temas e reflexões trazidas nas respostas. Vale destacar que todas as informações pessoais foram mantidas em sigilo, respeitando os princípios éticos da pesquisa. A ideia central desta metodologia foi trazer à tona a visão de um educador da prática, contribuindo para ampliar a discussão sobre os caminhos da alfabetização na infância.

RESULTADOS



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

A entrevista realizada com o professor que atua na Educação Infantil, com crianças de cinco anos, trouxe pontos muito importantes sobre o processo de alfabetização nessa fase. Ao longo da conversa, foi possível perceber que, embora existam avanços em relação à compreensão do que é alfabetizar de forma adequada, ainda há muitos desafios práticos que dificultam esse processo no cotidiano escolar. Um dos principais pontos destacados foi a ideia de que alfabetizar crianças de cinco anos não significa forçá-las a ler e escrever formalmente, mas sim criar um ambiente rico em linguagem, com atividades significativas, que despertem o interesse e o prazer pela leitura e pela escrita. O professor entrevistado reforçou que o trabalho deve ser feito de forma lúdica e respeitando o tempo de cada criança, o que vai ao encontro de muitas pesquisas na área da Educação Infantil, que apontam para a importância do brincar e da vivência em contextos letrados.

Outro aspecto importante foi a discussão sobre as práticas utilizadas em sala. O professor mencionou o uso de estratégias como o próprio nome, rodas de leitura, jogos com letras e palavras, além de projetos que envolvem o cotidiano das crianças. Essas práticas mostram um esforço em aproximar o processo de alfabetização da realidade dos alunos, tornando-o mais significativo. Isso reforça a ideia de que a alfabetização não deve acontecer de forma isolada ou mecânica, mas sim integrada ao universo da criança, como defendem autores como Emília Ferreiro e Magda Soares. A entrevista também revelou um grande desafio relacionado à diversidade dentro da sala de aula.

O professor explicou que existem crianças em níveis muito diferentes de desenvolvimento, o que exige um olhar mais individualizado, algo difícil de fazer na prática, principalmente quando se tem turmas grandes e pouco tempo. Isso mostra como a realidade da escola pública muitas vezes limita o trabalho pedagógico, mesmo quando o professor tem boa formação e boas intenções.

Outro ponto discutido foi o apoio institucional. Embora o professor tenha mencionado que há uma tentativa de suporte por parte da coordenação, também ficou claro que esse apoio ainda é insuficiente.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

As formações continuadas, por exemplo, nem sempre são práticas ou conectadas com a realidade da sala de aula. Isso aponta para uma necessidade urgente de repensar a forma como essas formações são oferecidas, para que de fato contribuam com a prática pedagógica.

As políticas públicas voltadas para a alfabetização também foram citadas de forma crítica. O professor acredita que muitas dessas políticas não consideram as condições reais das escolas e acabam impondo metas que não são compatíveis com a realidade. Essa crítica é recorrente entre os educadores e mostra como é importante que as decisões políticas sejam construídas com a participação dos profissionais da educação, que estão diretamente envolvidos com os alunos

Por fim, um ponto muito positivo da entrevista foi a valorização do interesse da criança. O professor destacou que, quando as atividades são significativas e afetam positivamente o emocional e a curiosidade da criança, ela se envolve mais no processo de aprendizagem. Isso reforça a importância de criar situações em que a linguagem faça sentido para os alunos e esteja presente de forma viva no cotidiano escolar. Com isso os resultados da entrevista mostraram que alfabetizar crianças de cinco anos exige sensibilidade, criatividade, paciência e conhecimento. Mais do que aplicar métodos prontos, o professor precisa compreender cada aluno como um ser único, respeitar o tempo de aprendizagem e criar oportunidades de contato com a linguagem de forma efetiva e contextualizada. Ao mesmo tempo, é necessário que haja apoio real por parte da escola e das políticas públicas para que esse trabalho seja possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que a alfabetização de crianças dos anos iniciais é um processo que vai muito além do simples ensino das letras e sons. Através da entrevista realizada com o professor da Educação Infantil e da análise de textos e materiais teóricos, pudemos perceber o quanto esse processo é complexo, sensível e cheio de desafios, mas também de possibilidades transformadoras

O contato direto com a prática do professor entrevistado nos mostrou que alfabetizar nessa faixa etária exige mais do que domínio técnico, exige olhar atento, respeito ao tempo de cada criança, planejamento com intenção e, principalmente, afeto. Esse olhar cuidadoso aparece também nos textos que embasam a discussão teórica deste trabalho, como o livro “Como



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção
à Vida da Comunidade

alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais”, que valoriza o diálogo entre educadores, a escuta atenta e a troca de experiências como caminhos para uma prática mais significativa. Assim como o texto

“Uma escola assim eu quero para mim” nos faz refletir sobre o tipo de escola que desejamos, acolhedora, humana, feita para os alunos e com eles, também percebemos que essa escola ideal só será possível se os processos de ensino, especialmente a alfabetização, forem repensados.

As discussões em torno da temática, nos leva a compreender que a prisão a métodos antigos, descontextualizados e distantes da realidade das crianças, são falhos e servem apenas como uma educação mecânica. Alfabetizar não é pressionar, repetir ou cobrar resultados imediatos, mas construir, junto com o aluno, um caminho de descobertas, onde a linguagem tem sentido e função real.

O trabalho dialogou com o pensamento de Magda Soares (1932-2023), que diferencia com clareza a alfabetização e letramento. Essa distinção é essencial para alfabetizar e ensinar o sistema da escrita, enquanto letrar é fazer com que a criança entenda e use a escrita no mundo real. Isso nos fez repensar atividades comuns em sala de aula e perceber o quanto ainda se valoriza o “treinar”, em vez do “compreender”. Isso reforça o quanto é necessário que o ensino da leitura e da escrita esteja conectado com a vida das crianças, com seus contextos culturais e sociais, como defende o conceito de alfaletramento, que também foi discutido com base na revista Alfalettrar.

Ademais, uma questão fortemente abordada é a questão da leitura literária e sua potência na formação das crianças. O material do Instituto Avisa Lá, com base no livro “O muro no meio do livro”, mostrou como uma leitura bem conduzida pode ir muito além da história, ela ajuda a desenvolver empatia, imaginação, escuta e reflexão. A leitura, quando feita com intenção e sensibilidade, deixa de ser uma “tarefa” e se transforma em experiência de vida. Isso também apareceu nas falas do professor entrevistado, que mencionou o uso de rodas de leitura e a escolha de textos que fazem sentido para os alunos.

É de grande valia refletir sobre a importância de valorizar as culturas presentes na escola, principalmente a cultura afro-brasileira, como propõe o texto “Quanta África tem no dia de



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Proteção à
Vida da Comunidade

alguém?”. Essa valorização não é apenas um ato político e educativo, mas também uma forma de criar identificação e pertencimento, especialmente para as crianças negras, que muitas vezes não se veem representadas nas práticas escolares. Falar de cultura africana, reconhecer suas raízes na nossa linguagem, na comida, na música, é também uma forma de alfabetizar com respeito à história e à identidade dos alunos. Com o apoio do e-book do Ceale, também compreendemos que as crianças não chegam “vazias” à escola. Elas já têm experiências com a linguagem, com imagens, com a escrita do mundo. Por isso, é fundamental que o(a) professor(a) observe essas manifestações, valorize os “erros” como hipóteses de aprendizagem e construa o ensino a partir do que a criança já sabe. Forçar um modelo único ou esperar que todas aprendam no mesmo ritmo é injusto e ineficaz.

Ao juntar todas essas perspectivas — a escuta da prática docente, os dados da realidade educacional brasileira, os textos teóricos e as experiências reais das crianças —, ficou ainda mais claro que alfabetizar é, acima de tudo, um ato de respeito à infância. É um processo que deve ser cheio de significado, sensibilidade e diálogo.

A alfabetização verdadeira não acontece com pressa, mas com presença. Ela não acontece sozinha, mas no coletivo, com a participação ativa de professores, alunos, famílias e gestores. Para que tenhamos uma educação mais justa, mais potente e mais humana, é urgente repensar os modos de ensinar a ler e escrever. É preciso formar professores preparados, mas também escutados, respeitados e apoiados. É preciso transformar a escola num lugar onde as crianças queiram estar, onde a linguagem seja viva, onde as práticas façam sentido. Uma escola com afeto, com cor, com vozes — como aquela sonhada pelos alunos no texto “Uma escola assim eu quero para mim”. Concluimos, portanto, que alfabetizar crianças não é apenas uma etapa escolar, é o início de uma jornada de descobertas, relações, identidade e expressão. Quando feita com cuidado, respeito e intenção, a alfabetização se torna um dos momentos mais bonitos da vida escolar.

REFERÊNCIAS

- AGEE, Jon. **O muro no meio do livro**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP**. Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA: documento básico. Brasília: INEP, 2013.



III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP
Comissão de Pedagogia
Vitória da Conquista

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Relatório Brasil no PISA 2018. Brasília: INEP, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC**: documento orientador. Brasília: MEC/SEB, 2012.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394/1996 para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana". **Diário Oficial da União**: Brasília, 10 jan. 2003.

CEALE – **Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita**. Apropriação da escrita na alfabetização. Belo Horizonte: UFMG, 2015. E-book.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOULART, Cecília M. A.; SOUZA, Marta. **Como alfabetizar? Na roda com professoras dos anos iniciais**. Petrópolis: Vozes, 2019.

INSTITUTO AVISA LÁ. **O muro no meio do livro**: proposta pedagógica a partir da obra de Jon Agee. São Paulo: Instituto Avisa Lá, 2020.

REVISTA ALFALETRAR. **Alfaletramento**: práticas e reflexões sobre alfabetização e letramento. Belo Horizonte: Instituto Alfa e Beto, várias edições.

SILVA, Luiz Antonio (org.). **Quanta África tem no dia de alguém?** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.